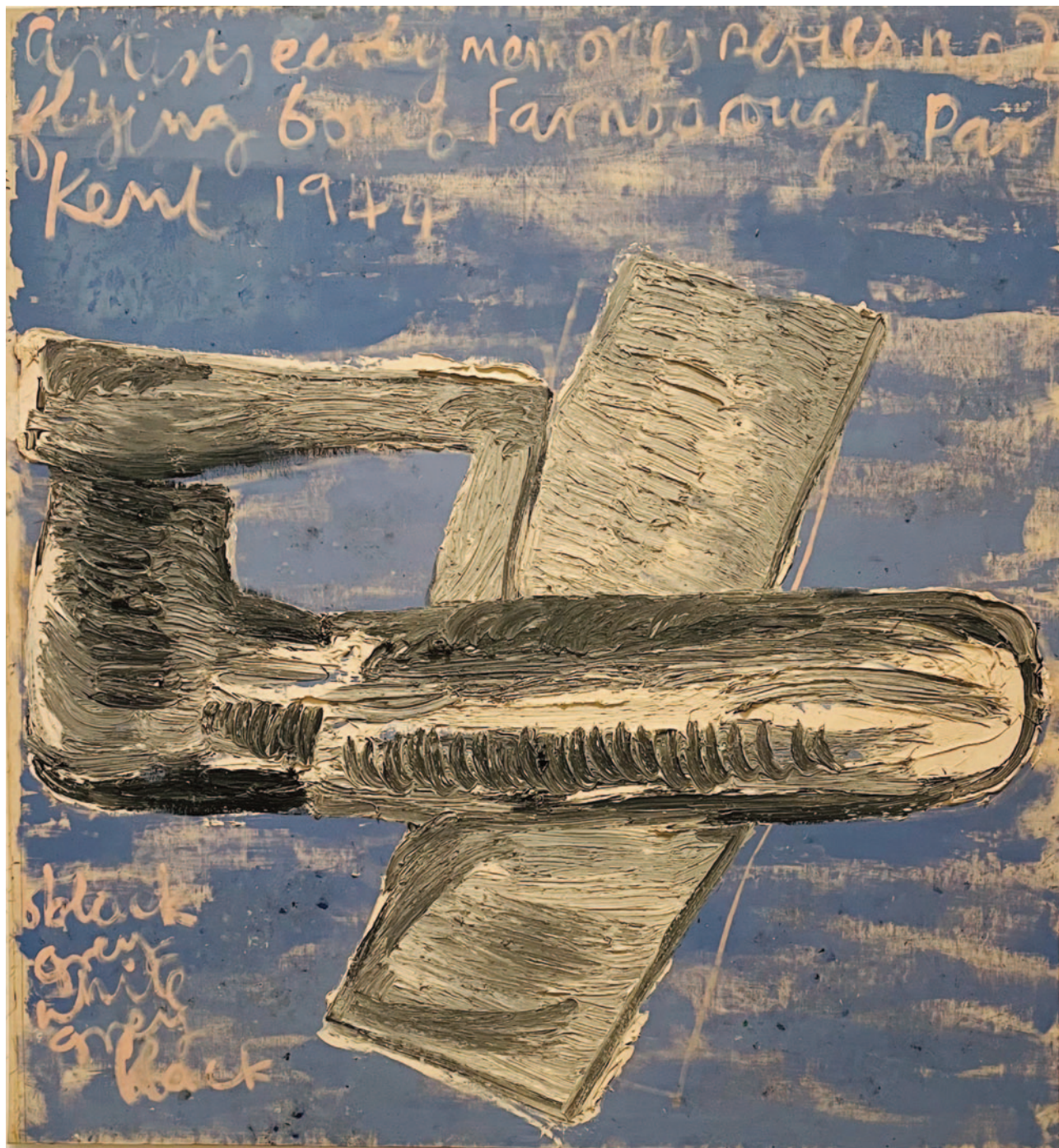




ROSE WYLIE, a artista que não pediu permissão



*Early
Memory
Series Nº 2,
Doodle
Bug, 1998*
Foto:
Maria Herminia
Donato

Entrar numa sala da *Royal Academy* preenchida pelos quadros de Rose Wylie é uma surpresa suave e persistente. As telas são enormes, bastam seis delas para ocupar completamente um dos salões mais imponentes da RA. O que elas comunicam não é grandiosidade nem solenidade: é algo que vai chegando devagar, e que só se percebe de verdade ao olhar para o lado e ver que as pessoas ao redor estão sorrindo.

Wylie tem 91 anos e é a primeira mulher a ter uma exposição individual nas galerias principais da *Royal Academy*. O fato em si já seria digno de nota, mas o que importa ao percorrer as noventa obras reunidas em *The Picture Comes First*, é a sensação persistente de que esta artista nunca pediu permissão a ninguém para fazer o que faz. Nem às instituições, nem à história da arte, nem à própria idade.

A pintora cresceu em Kent e passou parte da infância em Londres durante a Segunda Guerra. As primeiras salas da exposição trazem *doodle bugs* (as bombas voadoras alemãs) pairando sobre cachorros e patos nas poças do parque. O céu é de um azul vivo como numa ilustração infantil; os aviões parecem grandes pássaros desengonçados. Numa das telas, uma suástica está cuidadosamente pintada sobre uma das fuselagens, e a data, 1944, corre verticalmente na margem da tela, escrita em tinta preta como a criança que anota a data no caderno porque a professora mandou.

É esta a poética de Wylie: não a reconstituição fiel do vivido, mas a sua ressurgência na tela com toda a distorção que o tempo imprime. “São as coisas de que me lembro que me interessam”, disse ela. “A memória pode

não ser precisa e, se tenho uma lembrança afetiva de algo, o trabalho que faço me dá a chance de relacionar a obra à memória.” Por isso a repetição é parte estrutural de seu método: uma mesma imagem pode ser refeita em várias telas, com fundos diferentes, detalhes alterados, como se o ato de pintar fosse também um ato de lembrar outra vez.



The Well-Cooked Omelette, 1989

Foto: Maria Herminia Donato

O quadro mais antigo da mostra, *The Well-Cooked Omelette* (1989), já contém em sua essência tudo que viria a seguir: a omelete amarela dentro de uma tigela de porcelana azul e branca, cujo motivo de libélula foi delineado com carinho obsessivo. Parece uma abstração à primeira vista. Mas é também, e sobretudo, um ato de atenção para a beleza concreta e cotidiana das coisas que se colocam diante dos olhos.

Wylie estudou na *Folkestone and Dover School of Art* nos anos 1950, onde lhe disseram, sem rodeios, que



Snowwhite (3) with Duster, 2018

Foto: Jo Moon Price

mulheres não podiam ser grandes artistas. Foi casada com o pintor Roy Oxlade, criou três filhos e parou de pintar durante quase vinte anos; naquela época, o homem era o Artista; a mulher era a Dona de Casa, e às vezes também musa e assistente. Volta como aluna madura ao *Royal College of Art* e se forma aos 47 anos, quando a maioria dos artistas já acumulou uma carreira ou desistiu de construir uma. Wylie não se perturbou. *“Estou acostumada a ser marginalizada porque sou a sétima filha, o que não me importava; isso me deu uma certa liberdade. Me fez criar o meu próprio mundo.”*

A grande virada veio em 2010, quando foi selecionada para uma mostra coletiva no *National Museum of Women in the Arts*, em Washington quando tinha 76 anos.

A obra ganhou circulação internacional; hoje está em coleções em Los Angeles, Colônia e Ghent. Ela só entrou para a *Royal Academy* aos 80 anos.

Não se deve confundir o aspecto despojado de sua pintura com ingenuidade técnica. Wylie desenha todos os dias; em cadernos, em folhas avulsas capturando o que vê no jardim, na televisão, nas redes sociais. *“Se é algo*

visualmente emocionante, penso: maravilhoso, vou fazer um desenho disso. Trabalho a partir de qualquer coisa. Esse é o ponto central.” Ela guarda os registros até que retornem por conta própria, e então os deixa interagir livremente na tela. O resultado pode parecer imediato e bruto. As tintas são espessas, suculentas, às vezes aplicadas diretamente com as mãos. Numa série de quatro pinturas monocromáticas de animais, ela abandona inteiramente o pincel. Mas por trás dessa aparência de esboço ampliado há uma inteligência pictórica sofisticada, constantemente em busca de novas formas de se esconder a si mesma.

Wylie bebe de fontes vastíssimas, mosaicos romanos, Renascimento, TV, cinema, manchetes de jornal e as associa com os saltos mentais desconcertantes de alguém que vive com atenção plena ao mundo visual. Um cavalo de pantomima tem ossos e músculos meticulosamente etiquetados à maneira de um compêndio de anatomia e a obra se chama *Irreverent Anatomy Drawing*.

Entre os motivos recorrentes estão os jogadores de futebol, interesse que ela compartilhava com o marido diante do *Match of the Day*. Ronaldinho e Thierry Henry



Yellow Strip, 2006

Foto: Jack Hems

aparecem. Wayne Rooney, “atarracado”, e Peter Crouch, “esguio”. Em *Yellow Strip*, todos voam pelo mesmo campo numa coreografia de traços ágeis. O cinema também nunca está longe. Em *Bagdad Café* (*Film Notes*), inspirado no filme de Percy Adlon de 1987, a origem é dupla: o dente ligeiramente irregular que ela lambe numa colher e a figura corpulenta da personagem Jasmin. Brenda, a outra protagonista, usa um chapéu de folha de *convolvulus* que floresce numa trombeta rosada. “Presto homenagem a plantas marginalizadas que não recebem respeito”, diz Wylie. “Se

o convolvulus crescesse só no exterior e em grande escala, seria caríssimo na floricultura. Mas como cresce selvagem, as pessoas simplesmente passam por cima.”

A montagem da exposição evita a cronologia biográfica, como se quisesse apresentar Wylie como alguém vivo e em atividade, não como objeto de arqueologia. Os seus planos são os de alguém que acaba de começar. “Gostaria de estar em todos os grandes museus, pelo mundo todo. Quero fazer parte da história da cultura visual.”

HAND, Drawing as Central, 2022

Foto: Eva Herzog





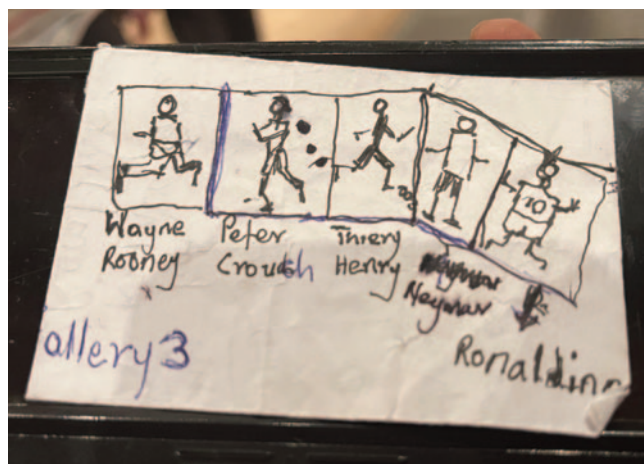
Kill Bill (Film Notes), 2007



Foto: Soon-Hak Kwon

Na última sala da *Royal Academy of Arts*, parei diante de um vigilante e perguntei – por curiosidade, mas querendo mesmo saber: “Você gosta da exposição?” Ele disse que sim e acrescentou que jamais teria imaginado tanta irreverência vinda de uma senhora de noventa anos. Em seguida, quis saber se eu havia reparado na pintura dos jogadores de futebol, na sala anterior. Respondi que sim. Perguntou, então, se eu conhecia os nomes dos jogadores. Não conhecia.

Com naturalidade, enfiou a mão no bolso do uniforme e tirou um pequeno cartão, guardado com o cuidado de quem preserva algo íntimo. Nele, um desenho simples da pintura, acompanhado dos nomes dos jogadores. Fiquei olhando para aquele cartão como quem encontra algo raro. Ali estava um homem que passa os dias protegendo obras que valem fortunas e que, à sua maneira, encontrou um modo próprio de pertencer a



Desenho do vigilante

Foto: Maria Hermínia Donato

elas – não como espectador distante, mas como alguém que também observa, registra e leva consigo.

Ao sair da *Royal Academy of Arts*, levo comigo algo difícil de nomear com precisão. Não é apenas admiração pela obra, nem simpatia pela trajetória da artista Rose

Wylie. É mais próximo de um lembrete: de que a atenção ao mundo – aos patos nas poças, às folhas de avelã contra a luz, à forma de um dente ao tocar uma colher – pode ser, em si, uma forma de resistência. E de que nunca é tarde demais para Rose Wylie pintar uma tela monumental e ocupá-la em uma das paredes mais nobres de Londres.

SERVIÇO

Rose Wylie: The Picture Comes First

Até 19 de abril

Royal Academy of Arts

Burlington House, Piccadilly, London W1J 0BD

<https://www.royalacademy.org.uk/exhibition/rose-wylie>



*Black Strap
(Red Fly), 2012*

Foto: Soon-Hak Kwon



*Rosemount
(Coloured), 1999*

Courtesy Vladimir Ovcharenko
© Rose Wylie